



## LÍDERES, PIONEIRAS E SONHADORAS: O SEXO FEMININO (1873-1889) EM BUSCA DA EMANCIPAÇÃO

Joice Pompéia Ribeiro<sup>1</sup>; João Paulo de Brito Nascimento<sup>2</sup>; Maria Ângela de Araújo Resende<sup>3</sup>

**RESUMO:** A imprensa no século XIX teve como objetivo mudar o modo de pensar dos homens mediante a propagação de novas idéias. Assim, os jornais se tornaram um espaço de divulgação de textos tanto literários quanto políticos, escritos por mulheres. Destaca-se, nesse contexto, o periódico *O Sexo Feminino - Semanário dedicado aos interesses da mulher* (1873-1889), editado em 1873, em Campanha (MG) e no Rio de Janeiro, em 1875. Sua redatora- chefe era Francisca Senhorinha da Motta Diniz. O *corpus* dessa pesquisa constituiu-se da leitura e análise do primeiro ano do periódico. Seu objetivo foi o de identificar no periódico o papel das mulheres na construção dessa Nação Imaginada, que reflete a busca de uma identidade que por ora se apresenta em construção. Inicialmente fizemos o levantamento das edições e a sua caracterização material. Sua leitura e transcrições foram feitas através do jornal microfilmado e do jornal digitalizado. Além da caracterização material do jornal e da coleta de dados que identificaram os temas presentes e recorrentes no discurso feminino, as bases teóricas que sustentaram a pesquisa foram estabelecidas a partir dos estudos atuais sobre Gênero e Nação. Os resultados mostraram que a linha editorial do periódico é definida por um horizonte de expectativas no que se refere ao comprometimento da mulher tanto com as questões privadas quanto públicas. Além de discursos voltados para os interesses da mulher, o diálogo estabelecido com o Império e, posteriormente com a República, revelam a preocupação feminina com o seu lugar na construção dessa Nação Imaginada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso Feminino; Gênero; Imprensa; Mulheres; Nação.

### 1 INTRODUÇÃO

A implantação da imprensa no Brasil ocorreu em 1808, com a vinda da Corte Portuguesa para o Rio de Janeiro. Seu início foi com o periódico *Gazeta do Rio de Janeiro*. Após a Independência, em 1822, a imprensa se tornou o veículo preferencial de disseminação de lutas políticas e críticas ao governo. Em Minas Gerais a imprensa tem início com *O Compilador Mineiro*, em Ouro Preto (1823) e após essa data vão surgindo muitos outros periódicos em vários lugares da Província. A imprensa assume o papel de formadora dos cidadãos do Império.

No final do século XIX, destaca-se um número considerável de periódicos dedicados às mulheres. Em sua maioria, esses jornais eram editados e dirigidos por homens. Com esse surto jornalístico, as mulheres passam a ocupar um certo lugar, antes

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Letras. Departamento de Letras, Artes e Cultura (DELAC). Universidade Federal de São João Del-Rei – UFSJ, São João Del-Rei – MG. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do PIBIC/CNPq-UFSJ. joicepompeia@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Acadêmico do curso de Ciências Contábeis. Departamento de Ciências Administrativas e Contábeis (DECAC). Universidade Federal de São João Del-Rei – UFSJ, São João Del-Rei – MG. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do PIBIC/CNPq-UFSJ. jpestudante@yahoo.com.br.

<sup>3</sup> Docente do Departamento de Letras, Artes e Cultura (DELAC). Universidade Federal de São João Del-Rei – UFSJ, São João Del-Rei – MG. mariangela\_araujo@terra.com.br.

destinado apenas aos homens. Através de reivindicações sob formas de protesto, chamavam a atenção para o trabalho que estavam iniciando.

Utilizando-se da palavra escrita, privilégio de uma classe letrada, a redatora do periódico *O Sexo Feminino*, Francisca Senhorinha da Motta Diniz, utiliza-se do espaço público do jornal para disseminar idéias sobre a educação e a emancipação femininas. Se levamos em consideração o contexto Brasil-Império e as condições de surgimento desse jornal do interior de Minas Gerais (Campanha), podemos dizer que Francisca Senhorinha inicia uma trajetória de luta para se pensar a construção da Nação por um outro viés, ou seja, buscando dar relevo ao papel da mulher num cenário de *clausura*, termo que nos faz reportar Perrot (1988).

As formulações de Anderson (1989), ao caracterizar a Nação como uma comunidade política imaginada, abrem caminhos para se pensar como localizar as mulheres – também pertencentes a essa comunidade imaginada – dispersas e diluídas num possível sentimento de pertença. Quando as mulheres reivindicam seus direitos através do espaço público, no caso um jornal, buscam, também, fazer parte dessa comunidade imaginada da qual Anderson nos fala.

Esses questionamentos tiveram suas bases no início do século XIX, segundo Perrot (Op. cit), na luta das mulheres em prol de seus direitos civis. Olhando para os “excluídos da história”, os operários, as mulheres e os prisioneiros, Perrot (Op. cit) demonstra que o ofício do historiador é um ofício de homens que escrevem a história no masculino.

Em seus estudos sobre gênero, Matos (1999), contesta a construção dicotômica dos papéis sexuais. Para ela, as categorias de gênero são historicamente construídas, de modo a delimitar os papéis exercidos por homens e mulheres na sociedade. Os homens eram considerados superiores porque se consideravam dotados de força e inteligência, sendo tais características atribuídas ao sexo masculino. Por isso, o homem era o chefe da família, chamado de sexo forte. Em contrapartida, as mulheres, consideradas frágeis por “natureza”, seriam o sexo frágil.

Segundo Resende (2005), as formulações discursivas que compõem a metáfora da mulher associada ao “bello sexo”, mostram um repertório moral e doutrinário da mãe virtuosa, das boas filhas e esposas.

Baseando-se nesses estudos sobre Gênero e Nação, tentar-se-á identificar no periódico o papel das mulheres na construção dessa Nação Imaginada, que reflete a busca de uma identidade que por ora se apresenta em construção.

## 2 MATERIAL E MÉTODOS

Para os procedimentos iniciais ao desenvolvimento da pesquisa, tivemos alguns problemas de ordem operacional, uma vez que a pesquisa em fontes primárias exige, por sua especificidade, o contato direto com a fonte ou a sua leitura através de microfimes. Entretanto, como nenhum órgão de São João del-Rei - MG (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN; Biblioteca Baptista Caetano d'Almeida, Instituto Histórico e Geográfico – IHG) não dispõe da referida fonte, ou seja, do periódico *O Sexo Feminino*, optamos pela consulta e levantamento através da leitura de microfimes, feita na Biblioteca do *Campus* Dom Bosco da Universidade Federal de São João Del-Rei - UFSJ. Posteriormente, obtivemos a cópia digitalizada do referido periódico em CD-Rom, que possibilitou o contato com os textos e o desenvolvimento da pesquisa.

Inicialmente foi feita a caracterização material do impresso: linha política e literária, periodicidade, número de páginas, recursos gráficos, levantamento de seções fixas, divisão interna e diagramação, destaque das notícias, publicidades e sua natureza. Após os procedimentos de caracterização do periódico, fez-se uma seleção de textos do seu primeiro ano de circulação (1873-1874) como poesia crônica, ensaio e crítica direcionados

e/ ou escrito por mulheres, para início dos trabalhos de interpretação e análise. Diante de um vasto campo de investigação, textos de natureza diversas foram traçados procedimentos e metodologias, no sentido de selecioná-los, organizá-los e interpretá-los à luz dos estudos sobre Gênero e Nação.

Foi feita a leitura das edições do primeiro ano de circulação do periódico e a contextualização necessária para o entendimento do *corpus* enquanto um veículo de comunicação, dentre tantos que surgiram em Minas Gerais e no Brasil na segunda metade do século XIX.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em um cenário fortemente marcado pelas lutas abolicionistas e republicanas, surgiram inúmeras pequenas folhas que defendiam a criação de escolas para adultos e escravos e pregavam a República. O papel da imprensa nessa época era difundir a causa abolicionista cumprindo seu objetivo de disseminar idéias e questionar os rumos políticos.

No final do século XIX, destaca-se um número considerável de periódicos dedicados às mulheres. Em sua maioria, esses jornais eram editados e dirigidos pelos homens. Segundo alguns pesquisadores o primeiro jornal feminino escrito por mulheres surgiu no Rio de Janeiro em 1852: *O Jornal das Senhoras*, dirigido por Joana Paula Manso de Noronha. Esse periódico defendia a emancipação moral das mulheres e sua melhor instrução. Foi publicado até 1855, o que demonstra seu sucesso junto ao público feminino.

Já em 1862, apareceu, também, no Rio de Janeiro, outro periódico dedicado às mulheres, *O Bello Sexo*, dirigido por Julia de Albuquerque Sandy Aguiar. A imprensa assume o papel pedagógico e doutrinário, com objetivo de mudar o modo de pensar dos homens e, principalmente das mulheres, mediante a propagação de novas idéias.

Dessa forma o periódico *O Sexo Feminino* surge para estabelecer um lugar de atuação das mulheres na sociedade. Exerce o papel de veículo do ideário moderno, cuja função seria a educação física, moral e intelectual das mulheres.

Esse periódico foi editado primeiramente em 1873, em Campanha (MG) e posteriormente, em 1875, no Rio de Janeiro. Em Campanha era editado na “Typografia do Monarchista” e, ao transferir-se para o Rio de Janeiro, passou por várias tipografias como, “Typ. e Livraria de Lombaerts & Filho”, “Typ. Americana”, “Typ. e lith de Machado & C.”, “Typ. Economica”. De periodicidade semanal, sua manutenção era feita através de assinaturas, pelo preço inicial de 5\$000 (cinco mil réis) por ano e 2\$500 (dois mil e quinhentos réis) por semestre. Cada número do jornal era composto por quatro páginas, divididas em duas colunas. Não havia ilustrações.

A primeira página continha informações como: título do jornal, local de origem, número correspondente à semana, o ano, o preço, a data, o nome da redatora. Após o nome do jornal, em todas as edições figurava o subtítulo que indicava o seu público principal: “Semanario dedicado aos interesses da mulher”. E também uma epígrafe que se repete em todos os números: *É pelo intermedio da mulher que a natureza escreve no coração do homem*.

Algumas seções do jornal são fixas, como: “Noticiário”, “Collaboração” e “Variedade”. Outras variam, como “Litteratura”, “Poesia”, “Aviso” e “Teatro”. A seção “Noticiario” continha informações sobre a Escola Normal de Campanha, nomeações de professores e agradecimentos a periódicos que escreviam elogios sobre *O Sexo Feminino*. Na “Collaboração” eram publicadas propagandas da Escola Normal de Campanha, alguns problemas sobre língua portuguesa e matemática e textos de colaboradores diversos. Na seção de “Variedade” havia charadas, máximas, enigmas e alguns artigos sobre educação, religião e sobre as conquistas das mulheres no trabalho. Na seção de “Litteratura” foram publicados muitos artigos traduzidos da literatura

francesa. As poesias que foram publicadas continham temas variados, como: religiosos, amorosos e referentes à natureza.

Inicialmente a seção “Folhetim” foi encontrada somente na 3ª edição do primeiro ano do periódico. E posteriormente, a partir de 1875, quando o periódico passa a ser editado no Rio de Janeiro, é inaugurada uma outra seção denominada “Folhetim do Sexo Feminino”. Nessa seção foram publicados romances divididos em vários capítulos. O primeiro foi “Mathilde e Eduardo” e em seguida foi publicado “Vaidade e Candura – Romance Moral”. Ambos não foram assinados.

Os editoriais do periódico vinham sempre intitulados “O Sexo Feminino”, seguidos de um subtítulo. Com temas sempre ligados à mulher, alguns editoriais podem ser considerados como verdadeiros “manifestos” contra as obrigações domésticas às quais as mulheres estavam sujeitas. São verdadeiras reivindicações que as mulheres faziam na busca pela emancipação. Como o editorial intitulado “A Educação da Mulher”, publicado logo no primeiro número do periódico. Nesse editorial Francisca Diniz já culpava os homens pela educação precária oferecida às mulheres. Outro editorial analisado que nos chamou a atenção foi publicado no dia 25 de outubro de 1873 com o subtítulo “O Que Queremos?”. Nele Francisca Diniz ironiza que somente pessoas contrárias ao progresso seriam capazes de fazer essa pergunta.

A caracterização material detalhada do impresso nos possibilitou um melhor direcionamento para o manuseio e a leitura do mesmo. É importante salientar que *O Sexo Feminino* tem sido fonte de pesquisa em cursos de Mestrado e Doutorado, em várias universidades do país. Entretanto, à luz da Nova História e dos estudos sobre Gênero, esse objeto ganha força, à medida que a pesquisa em questão traça um esboço da história das mulheres no Brasil, na segunda metade do século XIX.

Um dos resultados foi a identificação dos temas e olhares críticos desses estudos, no sentido de estabelecer um diálogo com as questões de “gênero e nação” propostas pela pesquisa. Há também uma identificação das relações entre Literatura, História e da utilização das práticas comparativistas, uma vez que o periódico tem sido estudado, também, a partir das relações com as produções jornalísticas da época.

#### 4 CONCLUSÃO

Podemos considerar, nesse primeiro ano de investigação do periódico (1873-1874), que os discursos veiculados por Francisca Diniz em seus editoriais exemplificam e materializam a participação das mulheres letradas na imprensa. Elas participavam através de assinaturas do jornal e escreviam artigos para serem publicados. Todas essas *performances* constituem modos de participação na construção da Nação, de uma forma ou de outra, em que a mulher não fosse um mero adereço, ou apenas exercesse a função de reprodutora. Uma mulher que não estivesse restrita ao espaço privado, mas que, confrontando os modelos tradicionais de feminino, também participava do espaço público.

A perspectiva de análise a partir da categoria gênero nos possibilitou vislumbrar as relações estabelecidas entre os atores sociais, no caso a “vigilância” dos homens com relação às mulheres: suas leituras e sua conduta. Contrapondo-se ao discurso que naturaliza as diferenças entre homens e mulheres, Francisca Diniz se coloca em igualdade com os homens, questionando a construção da mulher como sexo frágil. Porém, ela não exclui a função da mulher como mãe e esposa, apenas acrescenta a esses papéis tradicionais, a função de ser também educadora, jornalista, escritora e muitas outras funções que a mulher seria capaz de exercer na vida pública.

Nesse sentido, a “nação imaginada” da qual Anderson (Op.Cit) nos fala, se apresenta multifacetada nessas escritas femininas, que, em busca de leitoras e autoras, formam o futuro cidadão (seus filhos) e reivindicam o seu lugar e o trânsito entre a “agulha e a caneta” (VASCONCELOS, 1999).

Desta forma, falar das representações femininas, num determinado lugar e tempo, ou seja, na imprensa do final do século XIX, no Brasil, significa pensar que negligenciar as leitoras, editoras e colaboradoras seria um pecado que os jornalistas não poderiam cometer, uma vez que a mulher, na esfera privada, ao bem educar seus filhos, seria a responsável pela formação do futuro cidadão.

Uma vez que essas informações preliminares foram reunidas, foi possível visualizar o jornal como um todo, compreender o contexto de sua produção e levantar as temáticas ali abordadas, o que nos permite estabelecer relações textuais que geram novas entradas de investigação do periódico. Voltado para a educação da mulher oitocentista, este periódico se abre para inúmeras possibilidades interpretativas. Desta forma, propõe-se a continuidade da investigação das representações femininas no referido periódico, a partir da categoria “Gênero” e de sua relação com a formação do imaginário da nação no período do Brasil-Império e o alvorecer da República.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. Trad. Lólio Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.

MATOS, Sônia Missagia. “Repensando gênero” In WAD. Sylvia. *Mulher cinco séculos de desenvolvimento na América capítulo Brasil*. Belo Horizonte. CREZ, 1999. p.19-57

PERROT, Michelle. *Os excluídos da História: operários, mulheres, prisioneiros*. Trad. Denise Botmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

RESENDE, Maria Ângela de A. *A República em folhetim: A Pátria Mineira formando almas*. Tese de doutoramento em Literatura Comparada, defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFMG. Belo Horizonte, 2005.

VASCONCELOS, Eliane. *Entre a agulha e a caneta: a mulher na obra de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Lacerda Editora, 1999.